

Mercados latino-americanos despencam

Peso mexicano se desvaloriza 5%, Bolsa de Buenos Aires cai 10% e teme-se um novo efeito Tequila

Flávio Ribeiro de Castro

• A mudança na política cambial brasileira e a abertura em queda da Bolsa de Nova York provocou nervosismo ontem em todos os mercados latino-americanos. Todos tiveram desempenho negativo. Em Buenos Aires, as ações despencaram 10,37%. No México, a bolsa caiu 4,6%; no Chile, 3,25%; na Venezuela, 3,01%. O peso mexicano desvalorizou-se quase 5% e o Banco do México interveio no mercado pelo segundo dia consecutivo, vendendo dólares para evitar uma queda ainda mais acentuada da moeda.

O BC mexicano ofereceu no mercado US\$ 200 milhões e conseguiu segurar a cotação do dólar em 10,63 pesos, uma queda de 50 centavos em relação ao dia anterior, correspondente a 4,7%. Na abertura dos negócios, no entanto, o dólar disparara para 11 pesos. A instituição recebeu propostas de compra de US\$ 390 milhões e já estuda tomar medidas para reduzir a liquidez.

— Estamos atentos ao impacto do que acontece no Brasil e o efeito no mundo, porque é um país com o qual temos um comércio e vínculos muito grandes — ressaltou o ministro de Finanças do México, José Angel Gurria.

Segundo analistas locais, a saída de Gustavo Franco e a moratória da dívida do estado de Minas Gerais com a União criaram uma onda de insegurança sobre o Brasil que se estendeu a toda a América Latina.

— O pânico se estendeu a toda a região mas afetou especialmente a Argentina e o México — disse Esteban Rojas, diretor de análises da corretora Arca.

No Chile, a moeda local também registrou uma desvalorização de quase 2% em relação ao dólar. O ministro da Fazenda, Eduardo Aninat, e o presidente do Banco Central, Carlos Massad, divulgaram uma nota conjunta pedindo calma aos investidores e dizendo que é preciso evitar reações exageradas.

Desvalorização irá afetar crescimento da Argentina

Todos os países do Mercosul devem sofrer com a crise, em especial a Argentina, que destina um terço de suas exportações ao Brasil. O vice-presidente argentino, Carlos Ruckauf, que estava de férias, voltou a Buenos Aires para manter informado sobre a crise o presidente Carlos Menem, que se encontra em visita oficial aos EUA. A Bolsa de Buenos Aires começou o dia já em queda de 9%. O Governo argentino assegurou aos mercados que a paridade do peso em relação ao dólar não está ameaçada.

— A paridade de um por um não é uma questão de Governo, mas uma exigência e uma demanda do povo. Nós não vamos mudar essa posição por nada neste mundo — ressaltou o secretário de Planejamento Econômico, Rogelio Frigerio.

Apesar das garantias de manutenção da política cambial, as



FERNANDO HENRIQUE com o presidente da Argentina, Carlos Menem: o desafio dos maiores países do Mercosul, agora, é reconquistar a confiança externa

perspectivas de crescimento da Argentina estão sendo duramente atingidas pela turbulência brasileira. Assustados com as mudanças na política cambial anunciadas pelo Banco Central, analistas econômicos argentinos decidiram rever imediatamente suas metas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) para este ano, que já eram consideradas conservadoras por medo do agravamento da situação no Brasil.

— No fim do ano passado, nossa expectativa era de um crescimento de 2,5% para 1999, que foi

reduzida a 2% depois da moratória decretada pelo Governo de Minas Gerais — disse o economista Aldo Abram, diretor da consultoria Estúdio Proeco. — Agora teremos que diminuir ainda mais esse número.

Toda essa preocupação deve-se à grande dependência da Argentina em relação à economia brasileira. Segundo analistas, o fluxo de investimentos externos para a Argentina está intimamente ligado à situação do Brasil. Como os mercados internacionais praticamente não diferenciam

países de uma mesma região, uma crise mais séria no vizinho significaria para a Argentina grandes dificuldades para captar recursos no exterior.

— Após o anúncio das medidas no Brasil, comecei a receber telefonemas de estrangeiros querendo saber se a Argentina desvalorizaria a moeda — disse Abram. — Estou preocupado porque as medidas me fazem lembrar o México de 1994: tudo começou com uma pequena desvalorização, que virou uma bola de neve. Se a situação brasileira se provocar

novo efeito Tequila, a Argentina perderá 5% de seu PIB num ano.

Os analistas argentinos ainda apostam no sistema de *currency board* do país, que garante a paridade entre o peso e o dólar. Para o ex-secretário de Indústria da Argentina e atual diretor da consultoria Ecolatina, Roberto Lavagna, a política cambial não será modificada:

— Acho que o grande impacto será no nível de atividade do país. Tanto pelo lado comercial, já que a desvalorização brasileira complica as exportações argentinas e aumenta a entrada de produtos brasileiros em nosso mercado, quanto do lado financeiro, porque o aumento das taxas de juros deprimirá mais as perspectivas de crescimento. Nossa estimativa era de pouco mais de 2% para este ano, mas começamos a revê-la — afirmou.

Percepção de investidores deve mudar a partir de agora

Embora concordem quanto aos efeitos, Abram e Lavagna discordam sobre a necessidade das mudanças no câmbio brasileiro. Para o ex-secretário de Indústria, a desvalorização era previsível e ocorreu de forma razoável. Já Abram disse que as medidas acabaram conceitualmente com o Plano Real e afetarão a credibilidade da equipe econômica.

— Por que um investidor acreditará que não haverá mais desvalorizações? O país deixou de ser confiável e isso terá grande impacto sobre a percepção de risco que os estrangeiros têm da Argentina — garantiu. ■

Com agências internacionais